

MONEYLAND

CAP. DE AMOSTRA

A CAVERNA DO ALADDIN

Londres tem muitas caras, dependendo de com quem se fala. Existe a pompa e a cerimônia da Troca da Guarda: soldados com túnicas vermelhas, cavalos de pelagem brilhante e multidões animadas. Isso para os turistas. Existe toda a estrutura de vidro e aço da cidade, o distrito financeiro de Londres, guarnecido por um exército de banqueiros e vendedores que se aglomeram sobre as pontes de manhã cedo. Isso para os empresários. Existem os subúrbios, com suas casas geminadas, cercas, ruas sem saída e parques. Isso para os moradores locais.

E então existem lugares como Finchley, no noroeste de Londres, e a pequena rua chamada Woodberry Grove, em que os carros eram novos há uma década, e as lojas mais próximas vendem cerveja polonesa e tabloides. Não é uma rua que você visitaria, ou mesmo notaria, a não ser que tenha uma boa razão, e talvez seja por isso que Paul Manafort estabeleceu uma de suas empresas — a Pompolo Ltd. — na casa número 2.

De acordo com a acusação preparada por Robert Mueller, do Escritório de Advocacia Especial dos Estados Unidos, Manafort, ex-chefe de campanha de Donald Trump, movimentou cerca de US\$75 milhões por várias contas bancárias no exterior, dos quais usou boa parte para comprar propriedades e bens de luxo. Ele ganhou esse dinheiro enquanto trabalhou na Ucrânia, principalmente para o agressivo ex-presidente Viktor Yanukovich, e foi condenado por escondê-lo do Internal Revenue Service [o departamento da receita federal norte-americana], bem como ao cometer diversos outros crimes. O indiciamento meticuloso listou as empresas nas quais essas contas bancárias eram registradas e que canalizavam esse dinheiro, e é por isso que sabemos da Pompolo Ltd. A companhia controlava uma conta bancária

que pagou US\$175.575 a uma empresa de entretenimento caseiro e US\$13.325 a um paisagista nos Hamptons no mesmo dia — 15 de julho de 2013.

Provavelmente isso foi tudo o que a Pompolo fez. Fora criada apenas três meses antes e dissolvida pela Companies House do Reino Unido um ano mais tarde, algo que acontece automaticamente se as empresas não entregam a papelada necessária. Eu fui até a Woodberry Grove nº 2 para ver o endereço em que supostamente estava a base de operações da Pompolo Ltd.

Era um local monótono, um prédio de escritórios de dois andares feito de tijolos castanho-avermelhados aparentes, alguns cobertos por estuque bege. As telhas pareciam estar grudadas por tufo de musgo, e os caixilhos de janela tinham manchas tão escuras que mal se podia reconhecer a madeira. Havia uma fileira de campainhas por toda a lateral da porta. Eu apertei uma delas e fui gentilmente cumprimentado por um homem de meia-idade com um sotaque sul-africano usando uma camiseta puída da banda inglesa de heavy metal Iron Maiden. Ele me conduziu para dentro do prédio.

Eu não tinha muita certeza do que esperar de um lugar que tinha sido uma afluência do canal financeiro que Manafort usou para sugar dinheiro da Ucrânia e despejá-lo em bens de luxo em Nova York e Virgínia, mas imaginei algo mais animador do que um escritório organizado e enfadonho com um carpete institucional cinza e um pôster orientando os funcionários a como sentar à mesa com seus computadores para evitar danos à coluna. Enquanto esperava pelo chefe do fã de Iron Maiden, escutei duas mulheres fofocando sobre seus planos de fim de semana e tentei espiar seus cubículos. Infelizmente, o chefe não estava disponível, e eu saí de lá apenas com um endereço de e-mail (a resposta dele, quando chegou, incluía uma negação de qualquer delito e um forte tom de exasperação: “Não tenho como falar com qualquer autoridade sobre o que motiva ‘pessoas como Manafort’, então receio que você terá que tirar suas próprias conclusões”) como recompensa pela caminhada de 15 minutos da estação de metrô até Woodberry Grove.

Havia dois caminhos a seguir com essa história. O primeiro seria considerar a Pompolo como um beco sem saída e me concentrar em Manafort, sua base sórdida de clientes, suas manobras amorais e seu apetite notável por bens de luxo. O segundo seria refletir sobre Woodberry Grove nº 2 e perguntar por que a Pompolo — uma empresa com acesso a quantias significativas de dinheiro — estaria sediada em uma parte sem glamour de uma esquina decadente de Londres.

É compreensível que a maioria dos jornalistas prefira a primeira abordagem. Escrever sobre jaquetas de couro de avestruz e condomínios luxuosos, e sobre como Manafort limpou a reputação de dezenas de políticos e oligarcas antipáticos, seria uma história bem mais interessante do que descrever a feia arquitetura institucional britânica. Mas a segunda abordagem é a mais recompensadora, porque, se pudermos entender o vínculo entre Manafort e Woodberry Grove, poderemos vislumbrar o que há por trás das personalidades e das operações ocultas do sistema financeiro do país secreto que eu chamo de Moneyland.

A acusação contra Manafort e contra o associado Rick Gates (em cujo nome a Pompolo foi registrada) revelou a existência não só da Pompolo Ltd., mas também de empresas no estado caribenho de São Vicente e Granadinas e no Chipre, bem como nos estados da Virgínia, Flórida, Delaware e Nova York. E essas empresas tinham várias contas bancárias, supostamente independentes umas das outras, mas, na verdade, interligadas aos seus proprietários em comum — e ocultos. Elas movimentavam dinheiro uma para a outra em uma dança confusa e ininterrupta, cujos padrões são complicados demais até mesmo para que especialistas compreendam. Tentar entender a complexidade dos acordos financeiros entre todas essas entidades é um trabalho para uma equipe de profissionais da lei; é algo praticamente impossível para um leigo.

Manafort e Gates exploraram esse sistema por uma década ou mais, no entanto não o criaram. Nem buscaram e decidiram transformar a Woodberry Grove nº 2 em sua base de operações. Isso foi feito para eles por meio do esforço constante de pessoas que possibilitam que gente como eles cometam crimes — pessoas com dinheiro a esconder. O verdadeiro inquilino do prédio comercial em Finchley é a AI Company Services, que cria empresas para seus clientes e lhes dá um endereço postal. Ela representa algo muito maior do que um escândalo político, mesmo tão grande quanto este. Representa um sistema que está empobrecendo o mundo ao esconder os segredos dos ricos e poderosos.

Os segredos de Manafort estavam tão protegidos que, se Robert Mueller não tivesse começado a investigar o ex-chefe de campanha de Trump, ele quase certamente teria se livrado de seus crimes. E esse é um pensamento alarmante, pois há muitas outras pessoas que ainda usam exatamente o mesmo sistema. A casa nº 2 na Woodberry Grove é, ou tem sido, a base de milhares de outras empresas — 16.551, de acordo com um banco de dados — assim como os en-

dereços que Manafort usou em Granadinas e no Chipre, isso sem falar nos endereços dos Estados Unidos.

A maioria das pessoas acha Paul Manafort importante somente porque ele revelou a corrupção acerca da eleição de Donald Trump. Mas, na verdade, sua ligação com Trump fornece, inadvertidamente, uma janela a algo muito maior, um sistema obscuro do qual poucos de nós está ciente. É um sistema que empobrece milhões silenciosa e efetivamente, boicota a democracia e ajuda ditadores enquanto eles saqueiam seus países. E podemos saber mais sobre esse mundo observando um dos maiores clientes dos serviços de Manafort: Viktor Yanukovich, ex-presidente da Ucrânia.

Yanukovich governou a Ucrânia por quatro anos, de 2010 a 2014, período no qual enriqueceu a si mesmo e faliu seu país. Por fim, os ucranianos se irritaram e milhares protestaram no inverno frio de 2013–2014, até que ele fugiu. As riquezas que deixou para trás revelaram que ele tinha gostos tão sofisticados que faziam Manafort parecer contido. As terras de seu palácio em Mezhyhirya incluíam jardins aquáticos; um campo de golfe; um templo *nouveau* grego; um cavalo de mármore com uma paisagem toscana pintada; uma coleção de avestruzes; uma área cercada para caçar javalis; bem como uma cabana de cinco andares feita com troncos de madeira, onde ele satisfazia seus gostos pelo exagerado e vulgar. Era um templo do mal gosto, uma catedral do cafona, a epítome do excesso.

Todos sabiam que Viktor Yanukovich era um criminoso, mas nunca souberam o quanto. Em uma época em que a renda comum dos ucranianos estava estagnada há anos, ele acumulou uma fortuna que valia milhões de dólares, assim como seus amigos mais íntimos. Tinha mais dinheiro do que jamais precisaria; mais tesouros do que cabia em seus cômodos.

Todos os chefes de Estado têm palácios, mas geralmente eles pertencem ao governo, não ao indivíduo. Nos raros casos — digamos, como o de Donald Trump — em que os palácios são de propriedade privada, eles tendem a ser adquiridos antes de o político assumir o governo. Yanukovich, no entanto, construiu seu palácio enquanto vivia do salário estatal, e é por isso que os manifestantes se aglomeraram para ver sua enorme cabana. Eles ficaram maravilhados com a construção da casa principal, as cachoeiras, as estátuas, os faisões exóticos. Empreendedores locais alugaram bicicletas para os visitantes. O local era tão grande que não havia outro jeito de vê-lo por completo sem chegar à exaustão; os revolucionários levaram dias para

explorar todos os seus cantos. As garagens eram uma caverna do Aladdin de bens de ouro, alguns deles provavelmente de valor incalculável. Os revolucionários chamaram os curadores do Museu Nacional de Arte da Ucrânia, em Kiev, para que levassem tudo antes que algo fosse danificado, para preservar os bens para a nação e colocá-los em exibição.

Havia pilhas de castiçais folheados a ouro, paredes repletas de retratos do presidente. Estátuas de deuses gregos e marfim esculpido como pagodes orientais intrincados. Dezenas de imagens, rifles e espadas antigos, e machados. Um certificado declarando que Yanukovich era o “caçador do ano”, e documentos anunciando que uma estrela havia sido nomeada em sua homenagem e outra em homenagem à sua esposa. Alguns dos objetos eram exibidos ao lado de cartões de visita dos oficiais que os deram de presente ao presidente. Eram tributos a um governante: pagamentos para garantir que os presenteadores permanecessem nas graças de Yanukovich e, assim, pudessem continuar com as fraudes que os enriqueciam.

Havia um livro antigo, exibido em uma vitrine, com uma placa que declarava ter sido um presente do ministério das finanças. Era uma cópia do *Apostol*, o primeiro livro impresso na Ucrânia, do qual talvez ainda existam apenas 100 cópias. Por que o ministério das finanças teria decidido que esse seria um presente adequado ao presidente? Como pôde adquiri-lo? Por que daria um presente como esse a ele? Quem pagou por isso? Ninguém sabia. Em meio a uma pilha de cerâmicas cafonas, havia um belo vaso de Picasso de proveniência desconhecida. Um armário abrigava um martelo de aço e uma foice, que teria sido um presente do Partido Comunista Ucrâniano para Josef Stalin. Como ele chegou à garagem de Yanukovich? Talvez o presidente não tivesse outro lugar para colocá-lo.

Em pouco tempo a fila no portão se alongava até o fim da rua. As pessoas que esperavam pareciam alegres, avançando lentamente até desaparecerem pelo frontão de seixos do museu. Quando ressurgiam, pareciam pálidas. Ao lado da última porta havia um livro de comentários. Alguém resumira tudo muito bem:

“De quanto um homem pode precisar? Que horror. Sinto-me enojado.”

E isso era apenas o começo. Aqueles dias pós-revolucionários foram anárquicos da melhor forma possível, quando ninguém de uniforme o impedia de satisfazer sua curiosidade, e eu aproveitei a situação invadindo o máximo de refúgios da velha elite que pude. Uma viagem me levou ao coração de uma floresta fora de Kiev. Anton, um revolucionário com quem fiz amizade, parou

o carro em um portão, saiu da estrada até a vegetação rasteira, movimentou-se rapidamente e ergueu o que havia encontrado. “A chave para o paraíso”, disse ele, com um sorriso torto. Destrancou os portões, voltou para trás do volante, e nós os atravessamos.

À direita ficava a superfície resplandecente do reservatório de Kiev, em que as águas represadas do rio Dniepre ondulavam para um mar continental pontilhado de canaviais. Então uma passagem elevada estreita sobre uma lagoa surgiu, ao lado de uma pequena garagem de barcos com uma doca. Os patos faziam estardalhaço em volta de casas de madeira em pequenas ilhas flutuantes. Finalmente, Anton estacionou em uma cul-de-sac em frente a uma mansão de troncos de dois andares. Era para lá que Yanukovich ia com velhos amigos e novas namoradas quando queria relaxar.

Anton foi para lá com sua filha nas primeiras horas depois que o presidente fugiu da capital em fevereiro de 2014. Dirigiu por aquela estrada imaculada até os portões e contou aos policiais que fazia parte da revolução. Eles lhe deram a chave e o deixaram passar. Agora Anton abria a porta que conduzia a entrada. Não mexera em nada: a longa mesa de jantar com suas 18 cadeiras superestofadas estavam do mesmo jeito que as encontrara, assim como a mesa de mármore aquecida para massagens. As paredes estavam cheias de nus subimpressionistas de baixa qualidade — o tipo de coisa que Pierre-Auguste Renoir poderia ter pintado se tivesse começado a pintar *soft porn*. O chão tinha tábuas enceradas de madeira de lei tropical; as paredes eram de troncos quadrados de madeira conífera, intencionalmente inacabados, amarelos como sementes de gergelim. Não havia livro algum.

Pode parecer estranho, mas foram os banheiros que me impressionaram. A casa tinha nove televisões e duas delas estavam posicionadas em frente aos banheiros, na altura da visão de uma pessoa sentada. Era um toque pessoal do tipo mais íntimo: o presidente Yanukovich era alguém que gostava de ver televisão, e alguém que precisava passar longos períodos no banheiro. Enquanto os cidadãos ucranianos morriam cedo e trabalhavam duro por salários de subsistência, enquanto as estradas do país se deterioravam e seus funcionários roubavam, o presidente esteve preocupado em garantir que sua constipação não o impedisse de aproveitar seus programas de TV favoritos. Aqueles dois televisores se tornaram, para mim, pequenos símbolos de tudo o que havia de errado, não apenas na Ucrânia, mas em todos os países ex-soviéticos nos quais trabalhei.

A União Soviética caiu quando eu tinha 13 anos e eu morria de inveja de qualquer um que fosse velho o bastante para ter experienciado aquele momento pessoalmente. No verão de 1991, quando os partidários de linha-dura em Moscou tentaram reinstaurar os velhos costumes soviéticos em seu país e falharam, eu estava de férias com minha família nas Terras Altas da Escócia, onde passei dias tentando fazer o rádio pegar nas montanhas e ouvir o que estava acontecendo. Quando as férias acabaram, o golpe havia falhado e um novo mundo nascia. O historiador previamente sensato Francis Fukuyama declarou ser O Fim da História. O mundo inteiro seria libertado. Os Mocinhos Venceram.

Eu ansiava ver o que estava acontecendo na Europa Oriental e li centenas de livros sobre aqueles que lá estiveram antes de mim. Enquanto estava na universidade, passei todos os verões vagando pelos países do velho Pacto de Varsóvia, que anteriormente eram proibidos, festejando a reunificação europeia. Na formatura, a maioria de meus colegas já tinha arrumado emprego para trabalhar, eu não. Em vez disso, mudei-me para São Petersburgo, a segunda cidade da Rússia, em setembro de 1999, dominado pela emoção, embriagado pelas possibilidades da transformação democrática, do florescimento de uma nova sociedade. Fiquei tão envolvido pelo momento que nem percebi que já o havia perdido, se é que existiu em primeiro lugar. Três semanas antes de meu avião pousar no aeroporto de Pulkovo, um ex-espião desconhecido chamado Vladimir Putin se tornara primeiro-ministro. Em vez de escrever sobre liberdade e amizade, no decorrer mais ou menos da década seguinte me vi cobrindo guerras e abusos, convivendo com a paranoia e o assédio. A história não havia acabado. No máximo, havia acelerado.

Em 2014, ao contemplar os banheiros presidenciais, eu já tinha escrito dois livros sobre a antiga URSS. O primeiro, que surgiu do sofrimento que vi na Chechênia e seus arredores, descrevia os povos do Cáucaso e seus repetidos fracassos em garantir a liberdade que desejavam. O segundo abordava os próprios russos étnicos e como o alcoolismo e o desespero estavam abalando sua existência contínua como uma nação. Em ambos os livros, ainda que não abordada por nenhum deles (percebo agora), estava a pergunta: o que houve de errado? Por que os sonhos de 1991 não se transformaram em realidade? E essa pergunta me foi enfaticamente apresentada pelo banheiro de suíte na cabana de caça do chefe de Estado ucraniano exilado: por que todas essas nações ganharam não liberdade e prosperidade, mas políticos que se preocupavam mais com seu próprio conforto ao defecar do que com o bem-estar das nações que governavam?

A Ucrânia não foi um exemplo isolado. Um showroom da Bentley a menos de um quilômetro do Kremlin vendia carros por centenas de milhares de dólares, e a mídia russa se vangloriava por ser a ponta de estoque mais movimentada da marca de luxo em qualquer parte do mundo. Há apenas algumas horas de viagem — e isso na era do iPhone — eu conheci um homem que ofereceu trocar toda a sua propriedade pelo meu Nokia. No Azerbaijão, o presidente Ilham Aliyev contratou Zaha Hadid, talvez o arquiteto mais glamoroso do mundo na época, para construir um museu sinuoso espetacular em homenagem a seu falecido pai (e predecessor como presidente) em uma localização privilegiada da capital, Baku. Milhares de seus súditos viviam em centros temporários para refugiados desde que perderam suas casas em uma guerra contra a Armênia, duas décadas antes. No Quirguistão, o presidente criou uma tenda mongol de três andares na qual podia fingir ser um criador de cavalos nômade da antiguidade, enquanto os residentes de sua própria capital ainda precisavam ir a bombas comunitárias para buscar água.

Na Ucrânia, Yanukovich e sua turma de governantes comandavam uma operação de governo sombra, que funcionava junto ao sistema governamental oficial. Em vez de governar, eles roubavam. Quando havia impostos a serem pagos, aceitavam suborno que ajudava as pessoas a se evadirem fiscalmente. Quando havia licenças sendo concedidas, davam-nas a seus amigos. Quando negócios prosperavam, enviavam policiais para exigir dinheiro em troca de proteção. Funcionários do Estado faziam bico no governo sombra, negligenciando seus deveres reais em benefício de suas carreiras paralelas mais lucrativas. A Ucrânia teve 18.500 promotores que operaram como trabalhadores comuns para um chefe da máfia. Se decidissem levar você ao tribunal, o juiz fazia o que eles pediam. Com todo o sistema legal a favor deles, as oportunidades para os membros do grupo ganharem dinheiro eram limitadas apenas por suas imaginações. (O trabalho de Manafort era apresentar Yanukovich ao Ocidente como um político, como se nada disso estivesse acontecendo.)

Veja os remédios, por exemplo: o governo comprava medicamentos no mercado aberto para um sistema de saúde que tinha um dever constitucional de fornecer atendimento gratuito para todos que precisassem. Tecnicamente, qualquer empresa que satisfizesse os padrões poderia participar. Mas, na realidade, os funcionários encontraram infinitos modos de excluir qualquer um que não estivesse pronto para pagar o suborno. Eles desqualificavam inscrições por terem sido escritas na fonte errada, se a assinatura no final do documento estivesse grande ou pequena demais, ou por qualquer outra coisa que conse-

guissem inventar. Empresas excluídas podiam recorrer, mas isso exigia que passassem por um tribunal que fazia parte do outro lado do sistema de corrupção, envolvendo-as ainda mais nas redes de golpes, logo elas foram parando de tentar participar. Afinal de contas, se fizessem algum escândalo, seriam incomodadas eternamente por uma das dezenas de agências do Estado autorizadas a conduzir inspeções em cima da hora: de conformidade com regulamentações de incêndio, de higiene etc. Isso significava que o mercado de medicamentos era dominado pelos amigos dos burocratas, por intermédio de empresas duvidosas registradas no exterior que conspiravam umas com as outras e com membros do grupo para elevar os preços. O comércio respeitava a lei ucraniana ao pé da letra, e ainda dava muitos lucros para os empresários e funcionários que o dominavam.

O ministério da saúde acabou pagando mais do que o dobro necessário pelos antirretrovirais, medicamentos necessários para controlar o HIV e prevenir seu desenvolvimento total para AIDS — apesar de a Ucrânia ter a epidemia de HIV que aumentava com mais rapidez em toda a Europa. Quando as agências internacionais assumiram o controle das compras depois da revolução, conseguiram reduzir o custo dos medicamentos para câncer em quase 40% sem comprometer sua qualidade. Anteriormente, todo esse dinheiro ia para os bolsos dos funcionários do governo.

E esse foi só o começo. O governo comprava tudo o que precisava de alguém, e cada compra era uma oportunidade para um membro enriquecer. A fraude do sistema de compras do Estado pode ter custado até US\$15 bilhões por ano ao governo. Em 2015, duas crianças ucranianas tiveram poliomielite e ficaram paralisadas, apesar de essa ser uma doença que supostamente havia sido erradicada da Europa. Um programa de vacinação deficiente, sabotado por políticos cínicos e corruptos, foi o culpado. O que houve de errado?

Essa pergunta pode parecer específica da Ucrânia e de seus antigos vizinhos soviéticos. Mas, na verdade, ela tem um significado bastante amplo. O tipo de corrupção em escala industrial que enriqueceu Yanukovich e abalou seu país levou a raiva e a agitação para um grande arco que se expande do leste das Filipinas até o oeste do Peru, e afetou a maioria dos locais entre esses dois pontos. Na Tunísia, a ganância oficial foi tão grande que um vendedor de rua ateou fogo ao próprio corpo e começou o que ficou conhecido como Primavera Árabe. Na Malásia, um grupo de jovens investidores bem-conectados saqueou um fundo soberano e gastou tudo o que conseguiu

com drogas, sexo e estrelas de Hollywood. Na Guiné Equatorial, o filho do presidente tinha um salário oficial de US\$4 mil por mês e ainda assim comprou para si uma mansão de US\$35 milhões em Malibu. Por todo o mundo, os membros do grupo roubaram dinheiro público, armazenaram-no em contas no exterior e o utilizaram para patrocinar estilos de vida de luxo incríveis, enquanto seus países de origem quebravam.

Ao sair da cabana de caça, ainda ponderando os banheiros, os televisores e as visões indesejadas que evocavam, perguntei a Anton como seus conterrâneos ucranianos permitiram que seu governante se safasse. Como podiam não saber o que estava acontecendo? “Nós não sabíamos dos detalhes, é claro que não”, respondeu, com um pingo de frustração. “Esta terra em que estamos pisando agora nem fica na Ucrânia, fica na Inglaterra. Pode pesquisar.”

Ele estava certo. Se você quisesse saber quem era o proprietário desses 76 mil acres de uma antiga reserva natural, talvez porque quisesse saber como ela havia sido privatizada, para começar, precisaria olhar o registro de propriedade da terra. E nele encontraria que o proprietário oficial era uma empresa ucraniana chamada Dom Lesnika. Para descobrir a quem Dom Lesnika pertencia, precisaria procurar em outro registro, no qual encontraria o nome de uma empresa britânica, que em ainda mais um registro diria que pertencia a uma fundação anônima em Liechtenstein. Para um observador de fora, isso poderia parecer um inocente investimento estrangeiro, o tipo de coisa que todos os governos têm interesse em incentivar. Se fosse bastante persistente e tentasse ir até Sukholuchya para averiguar, os policiais que faziam guarda dos portões na floresta o impediriam. Isso poderia deixá-lo desconfiado, mas ainda não haveria provas de nada de errado acontecendo. O roubo estava bem escondido.

Felizmente, para os investigadores, Yanukovich manteve registros do que tramava. Seu palácio estava localizado em uma colina arborizada, que descia até o rio Dnieper. A costa abaixo do palácio era adornada por um porto de iates e um bar em forma de galeão. Em sua pressa de fugir, os auxiliares do presidente jogaram 200 pastas com registros financeiros no porto na esperança de que afundassem. Mas não foi o que aconteceu. Os manifestantes recuperaram os papéis e os secaram em uma sauna. Isso forneceu um vislumbre do centro da engenharia financeira que permitiu que Yanukovich roubasse o país.

Não era apenas a cabana de tiros de Yanukovich que tinha propriedade estrangeira; seu palácio, também. Bem como suas empresas de mineração de carvão em Donbas e seus palácios na Crimeia, que tinham propriedade no Caribe.

E ele não era o único membro do grupo a usar esses esquemas no exterior: a maracutaia dos remédios era conduzida no Chipre; o mercado de armas ilegais remontava até a Escócia; o maior mercado de bens de marcas falsificadas era propriedade legal em Seychelles. Tudo isso significava que qualquer investigador que tentasse desvendar os esquemas densos de corrupção precisaria lidar com advogados e funcionários de governo em múltiplos paraísos fiscais, bem como forças da polícia federal de dezenas de países estrangeiros.

“Esses oficiais de alto escalão estão todos registrados no exterior, em Mônaco, Chipre, Belize ou nas Ilhas Virgens Britânicas”, contou-me um promotor ucraniano incumbido de recuperar os bens roubados. “Nós escrevemos solicitações a eles e esperamos três ou quatro anos, isso quando chega alguma resposta. Como regra, se as Ilhas Virgens Britânicas não respondem, não temos um acordo com elas. E é isso, tudo cai por terra. Nós esperamos e já registramos novamente cinco vezes apenas enquanto esperamos uma resposta chegar. Tudo já foi registrado de novo, e esse é o nosso maior problema, conferir e receber esses documentos.”

Isso me deixa atordoado, como um problema de matemática complicado demais para entender, um buraco se abrindo sob meus pés. Esses bens estão ligados à Ucrânia, e ainda estão em outro lugar legalmente, algum lugar onde não podemos ir atrás deles. Não é de se espantar que os políticos corruptos tenham achado essas estruturas vertiginosas tão úteis: elas desafiam a compreensão. E a Ucrânia é apenas o começo de tudo.

Funcionários dos governos da Nigéria, Rússia, Malásia, Quênia, Guiné Equatorial, Brasil, Indonésia, Filipinas, China, Afeganistão, Líbia, Egito e dezenas de outros países também esconderam suas riquezas além do alcance e das vistas de seus cidadãos. Estima-se que o total roubado por ano de países em desenvolvimento varie de consideráveis US\$20 bilhões a quase um inimaginável trilhão. E esse dinheiro segue seu caminho por jurisdições secretas no exterior a um punhado de cidades do Ocidente: Miami, Nova York, Los Angeles, Londres, Mônaco, Genebra.

Houve uma época em que um funcionário do governo não tinha muito o que fazer com o dinheiro roubado de sua pátria. Ele podia comprar um carro novo, construir uma bela casa ou dar uma quantia para amigos e familiares; era mais ou menos só isso. Seu apetite era limitado pelo fato de que o mercado local não conseguia absorver somas infinitas de dinheiro. Se continuasse rou-

bando depois disso, o dinheiro só se acumularia em sua casa até que ele não tivesse mais onde colocá-lo ou seria comido por ratos.

As financeiras no exterior mudam esse cenário. Algumas pessoas comparam as empresas de fachada a carros de fuga para dinheiro, mas — quando combinadas com o sistema financeiro moderno — são mais como caixas mágicas de teletransporte. Ao roubar dinheiro, não é preciso escondê-lo em um cofre ao alcance dos ratos. Você pode escondê-lo em sua caixa mágica que, com o toque de um botão, o envia para fora do país a qualquer destino escolhido. É o equivalente financeiro a nunca se sentir satisfeito independentemente do quanto coma. Não é de se espantar que os oficiais do governo tenham ficado insaciáveis, já que não há um limite para a quantia de dinheiro que podem roubar e, assim, que podem gastar. Se quiserem um iate, podem enviar o dinheiro para Mônaco e escolher um em sua feira anual. Se quiserem uma casa, podem enviar o dinheiro para Londres ou Nova York e encontrar um agente imobiliário que não faça muitas perguntas. Se quiserem quadros e esculturas, podem enviar o dinheiro para uma casa de leilões. “No exterior” significa nunca ter que dizer “chega”.

E a mágica não para por aí. Uma vez que a propriedade de um bem (seja ele uma casa, um jato, um iate ou uma empresa) é ocultada por vários veículos corporativos, em diversas jurisdições, é quase impossível encontrá-la. Mesmo se o regime corrupto do qual o membro lucra desmoronar, como foi na Ucrânia, é difícil — se não impossível — encontrar seu dinheiro, confiscá-lo e devolvê-lo à nação da qual foi roubado. Você já deve ter ouvido falar de como milhões de dólares foram devolvidos à Nigéria, à Indonésia, à Angola e ao Cazaquistão, e isso é verdade. Mas esse valor representa menos de 1% de tudo o que foi originalmente roubado. Os governantes corruptos ficaram tão bons em esconder sua riqueza que, basicamente, uma vez que algo é roubado nunca mais é visto, e eles conseguem manter suas propriedades luxuosas no oeste de Londres, seus superiates no Caribe e suas casas de veraneio no sul da França, mesmo se perderem o emprego.

O dano que isso causa aos países que perdem esse dinheiro é claro. A Nigéria perdeu o controle de suas regiões nortenhas e milhões de pessoas foram desalojadas. A Líbia mal pode ser reconhecida como um Estado, com várias facções armadas disputando o controle, deixando um caminho livre para traficantes de pessoas. A corrupção dos governantes do Afeganistão interrompeu a luta contra o cultivo de ópio, o que significa que a heroína barata ainda

continua a seguir para onde quer que os contrabandistas queiram enviá-la. A Rússia, que consome grande parte disso, tem mais de 1 milhão de habitantes soropositivos, enquanto seu serviço de saúde permanece carente de recursos e seu governo prefere seguir em busca de vitórias com propaganda barata do que ajudar seus cidadãos.

Nesse ínterim, a Ucrânia está uma bagunça. As estradas que atravessam as cidades estão mal conservadas, enquanto as ruas das vilas quase não têm manutenção. Viajar pelo país é um suplício, piorado pela ameaça constante de ser parado e extorquido pelos policiais rodoviários que procuram violações de dezenas de regulamentos de trânsito ou as inventam, se necessário.

Em 1991, na época de sua independência, praticamente todos no país tinham a mesma quantidade de coisas graças à má administração da União Soviética. Duas décadas depois isso mudou completamente. Em 2013, às vésperas da revolução, apenas 45 indivíduos possuíam bens equivalentes em valor à metade da economia do país. E isso é, mais uma vez, uma característica de muitos países em desenvolvimento que foram arruinados pela corrupção. A filha do presidente da Angola que governou por mais tempo se tornou a mulher mais rica da África, desfilando confiantemente pelo Oeste como uma celebridade classe A, enquanto o restante de sua nação sofre no que é basicamente um Estado falido. A filha do presidente do Azerbaijão é produtora de cinema e editora de revistas ilustradas, e os filhos de seu ministro de emergências conduzem uma operação lobista no centro de Londres. É praticamente impossível imaginar países com economias tão desiguais construindo democracias saudáveis ou sistemas políticos honestos, ou mesmo sendo capazes de defender a si mesmos.

As consequências ficaram óbvias na Crimeia, logo após a revolução ucraniana. Tecnicamente, a península fazia parte da Ucrânia desde a década de 1950. Ainda assim, quando as tropas russas — em uniformes não identificados, mas dirigindo veículos com placas do exército russo — se espalharam pelas cidades da Crimeia e bloquearam suas bases militares, as autoridades ficaram tão desmoralizadas que ninguém tentou impedi-las. Um almirante não só se rendeu como também entregou os navios da Marinha ucraniana à Rússia, apesar do juramento de lealdade que supostamente fez ao seu país. Os guardas de fronteira no aeroporto carimbaram meu passaporte com o tridente ucraniano, enquanto o país que servem desaparecia ao seu redor. Mais tarde, na Ucrânia Oriental, o mesmo padrão se repetia. Quase ninguém queria defender o país contra os rebeldes armados e bem-treinados apoiados pela Rússia. A corrupção

tinha deixado um buraco tão grande no Estado que ele quase deixou de existir, servia apenas como meio ilegal de enriquecimento. Mas, afinal de contas, por que alguém defenderia algo que tornava suas vidas miseráveis? A corrupção roubou a legitimidade do país inteiro.

Esse tipo de raiva enfraqueceu a Ucrânia e também enfraquece outros países. Ela ajuda a motivar as pessoas a se juntarem a grupos na Nigéria, no Afeganistão e no Oriente Médio. “O maior desafio no futuro do Afeganistão não é o Talibã ou os paraísos fiscais paquistaneses, nem mesmo um Paquistão de hostilidade incipiente. A ameaça existencial à viabilidade de longo prazo do Afeganistão moderno é a corrupção”, disse o General John Allen do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, ex-chefe das forças internacionais no Afeganistão, em uma declaração que deu ao comitê do senado norte-americano em abril de 2014. “A insurgência ideológica, as redes de apoio criminal e o império das drogas formaram uma aliança profana, que para ter sucesso depende da captura criminal das funções de seu governo em todos os níveis. Por muito tempo, concentramos nossa atenção no Talibã como a ameaça existencial ao Afeganistão. Eles são um incômodo em comparação à extensão e à magnitude da corrupção contra a qual devemos lutar.”

E eu continuo esperando para perguntar a todos — assim como fiz a Anton: como eles podiam não saber o que estava acontecendo? É tão óbvio, não é? Então, não, Anton tem razão. Não é. Só é fácil encontrar o dinheiro quando já sabe onde ele está. Da mesma forma, esse problema só é óbvio se você já souber que ele existe.

Na manhã após o Halloween de 2017, surgiu uma abóbora esculpida na porta da Union Street nº 377, uma bela casa de arenito vermelho na extensa rede de ruas no sul de Brooklyn Heights, Nova York. A abóbora, quando examinada de perto, tinha uma grande semelhança com Robert Mueller, ex-diretor do Federal Bureau of Investigation (FBI) promovido ao Special Counsel para investigar se a Rússia havia interferido ilegalmente na eleição de Donald Trump. A abóbora era um trabalho de uma fotógrafa local chamada Amy Finkel, e foi posicionada debaixo de uma placa temporária de “marco designado”, declarando que a propriedade era “A Casa que Derrubou um Presidente”. Os moradores locais, que votaram principalmente em Hillary Clinton na eleição presidencial de 2016, se divertiam com a Union Street nº 377.

A acusação de que Paul Manafort havia lavado dinheiro fora revelada por Mueller apenas dois dias antes, e ela declarava que Manafort comprara a pro-

priedade em 2012 com US\$3 milhões de uma conta bancária no Chipre de uma empresa chamada Actinet, depois a hipotecou por US\$5 milhões e usou esse dinheiro para comprar outras propriedades e pagar empréstimos, em um complicado golpe de sonegação fiscal.

Quando trabalhou para Yanukovich, Manafort aperfeiçoou o estilo de campanha que utilizaria posteriormente com Trump. Sob a orientação habilidosa de Manafort, Yanukovich se apresentou como um homem franco e direto que defendia os esquecidos e abandonados. As acusações de Mueller contra ele se relacionavam ao seu trabalho na Ucrânia e o que ele fez com o dinheiro que lá ganhou. “Eles pressionaram vários membros do congresso e seus funcionários devido às sanções ucranianas, à validade das eleições do país, à pertinência da prisão da rival presidencial de Yanukovich”, declarava a acusação.

De acordo com a análise detalhada do indiciamento sobre seus gastos, Manafort amava o luxo quase tanto quanto Yanukovich. Ele gastou US\$934.350 em tapetes antigos; US\$849.215 em roupas; US\$112.825 em equipamento de áudio e vídeo (talvez ele também tivesse televisões à altura da visão para quanto estivesse sentado em seus banheiros). Mas as propriedades eram sua maior despesa. Um condomínio em Nova York lhe custou US\$1,5 milhão, uma casa na Virgínia custou mais US\$1,9 milhão (como Yanukovich, e de fato Trump, Manafort gostava dos votos de pessoas abandonadas pela mudança econômica, mas não as queria como vizinhas), tudo isso vindo do dinheiro do governo da Ucrânia.

E aqui as perguntas ficam desconfortáveis. É engraçado que os vizinhos de Manafort no Brooklyn o tenham trolado com abóboras e placas feitas à mão, mas se preocupando por não saberem o que acontecia na época, assim como os ucranianos não sabiam quem era o verdadeiro dono de Sukholuchya. Porém, eles não tinham como saber. Se tivessem procurado o nome da empresa proprietária da casa de arenito vermelho — MC Brooklyn Holdings LLC — no registro de Nova York, não teriam encontrado informações que os guiassem a seu verdadeiro dono. A empresa em questão era local, mas encobria o dono dessa propriedade assim como os britânicos e as estruturas de Liechtenstein encobriam Yanukovich. E, se tivessem sido capazes de fazer perguntas sobre a origem dos fundos utilizados para comprar as propriedades, ou para reformá-las, ou comprar as roupas de tecido inteligente, os sistemas de alta tecnologia e os tapetes antigos, teriam encontrado nomes de empresas no Chipre, em São Vicente e Granadinas ou no Reino Unido. Mais uma vez, ao contemplar o trabalho realizado pela equipe de

Mueller para revelar os detalhes na acusação, a gravidade parece se intensificar e perde-se o chão.

Contudo, parece apropriado que o rastro nos leve a Nova York, pois esse buraco não se abriu na Ucrânia, na África subsaariana ou na Malásia, e sim no coração do Ocidente. Pessoas abastadas sempre tentaram manter seu dinheiro longe das mãos do governo e têm desenvolvido ferramentas inteligentes ao longo dos séculos para isso. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, os advogados criam contratos fiduciários que permitem tecnicamente que seus clientes ricos doem suas riquezas, enquanto retêm seus benefícios e, assim, as transferem para seus filhos. Na Europa continental, o mesmo trabalho é feito pelas fundações.

As sociedades por todo o Ocidente (especialmente nos Estados Unidos) se tornaram menos igualitárias em termos de riqueza e renda desde a década de 1970. Alguns economistas, liderados por Thomas Piketty, sugeriram que isso se dá porque o retorno de longo prazo do capital é mais alto do que a taxa de crescimento econômico. Isso significa que, salvo por algumas catástrofes, como guerras mundiais, as sociedades ocidentais inevitavelmente se tornarão mais desiguais na ausência de ações governamentais conjuntas em sentido contrário. Pode ser isso, mas não é sobre isso que este livro trata. Não sou um economista, portanto não sou qualificado para abordar se questões estruturais favorecem o capital em detrimento dos trabalhadores. Sou um jornalista e, como todos, sou fascinado por bandidos. Meu livro, portanto, fala de pessoas que trapaceiam, o tipo de pessoa que condenou o país para o qual me mudei em 1999 e destruiu a onda de esperança na qual eu esperava surfar rumo a um glorioso futuro na Rússia.

Você não precisa ser um economista para ver que a habilidade das pessoas ricas de se aproveitar de truques no exterior está indisponível para o resto de nós e também faz parte da explicação de por que nossas sociedades ficaram tão desiguais. Se os abastados podem sonegar impostos e até roubar com impunidade, isso só aumentará a segmentação entre aqueles que possuem bens e aqueles que não os possuem.

Os governos ocidentais têm tido dificuldades para se manter por dentro desses truques, mas pelo menos eles têm as instituições e tradições exigidas para se manterem amplamente idôneos enquanto isso. Em países mais novos e pobres, no entanto, essas instituições e tradições não existem. Funcionários do governo e políticos foram levados pelo tsunami do dinheiro. Como me disse um advogado ucraniano: “A escolha não é entre aceitar um suborno ou ser

honesto; é entre aceitar um suborno ou seu filho ser assassinado. É claro que você aceita o suborno.” Seus colegas mexicanos expressam isso de maneira mais sucinta: “Você quer ser pago em prata ou chumbo?” A corrupção se espalhou tanto que países inteiros são incapazes de taxar seus residentes mais ricos, o que significa que apenas aqueles menos capazes de pagar impostos são forçados a sustentar o governo. Isso enfraquece a legitimidade democrática e irrita a população que vive sob tais regimes. Para um povo que acredita em uma ordem mundial liberal, não existe um lado positivo nisso.

Comentaristas de todos os lados políticos expressaram suas preocupações sobre o efeito da desigualdade na estrutura da sociedade nos Estados Unidos, onde a parcela de riqueza detida pelo 1% mais rico do país cresceu de 1/4 para 2/5 entre 1990 e 2012. Mas, se você acha que isso é ruim, veja o que aconteceu com o mundo como um todo: nos 10 anos após o ano 2000, o 1% mais rico da população mundial aumentou sua riqueza de 1/3 para 1/2 de tudo.

Esse aumento é liderado por lugares como a Rússia. Nos 15 anos desde que Vladimir Putin assumiu em 2000, os 4% dos russos que o Credit Suisse considera ser de classe média (equivalente a US\$18 mil–US\$180 mil) viram seu patrimônio coletivo aumentar US\$137 bilhões, o que parece bom até você ver o que a classe alta do país conseguiu no mesmo período. Os 0,5% dos russos com mais de US\$180 mil viram seu patrimônio crescer surpreendentes US\$687 bilhões. Os 10% dos russos mais ricos possuem 87% de tudo: uma proporção mais alta do que em qualquer outro grande país — algo bem cruel para uma nação que era comunista há somente 3 décadas.

O que nos leva de volta a Paul Manafort. Esse roubo em grande escala só é possível por causa de pessoas como ele — os facilitadores ocidentais: advogados, consultores, lobistas, contadores e outros que movimentam o dinheiro de seus clientes e os ajudam a escondê-lo de maneiras inteligentes. Se você tentar dizer a um russo bem-informado que o Ocidente é uma alternativa respeitável ao Kremlin de Putin, ele provavelmente perguntará por que o chefe de campanha de Putin teve permissão para comprar propriedades em Beverly Hills com um salário de burocrata ou por que o vice-primeiro-ministro tem um apartamento próximo da Câmara dos Comuns de Londres. Essa hipocrisia é um presente para Putin, que não só pode enfraquecer seus oponentes destacando-a, mas também usar essas ferramentas ocidentais no exterior contra ela: como um canal de dinheiro para custear seus serviços de segurança; para criar campanhas contra o Ocidente; e para financiar extremistas políticos favoráveis aos seus interesses. A corrupção é uma força multiplicadora para os inimigos

do Ocidente, e ainda assim ele continua a aceitar dinheiro sujo em suas economias na base dos bilhões.

O dinheiro entra fácil, e perde-se o chão.

Quando criança eu tinha os quebra-cabeças do mundo, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Europa, nos quais podia posicionar as peças dos municípios, estados e países em buracos deixados por suas fronteiras; agora são meus filhos que brincam com eles. A França é um hexágono; a Itália parece uma bota; Wyoming e Colorado são retângulos quase perfeitos, difíceis de distinguir; o Chile é utilmente longo e estreito. Isso reflete uma abordagem de mundo que divide as coisas entre estados, e de certa forma ela é relevante e correta. Se discutirmos a quantidade de crianças que nasce todos os anos, o número de assassinatos com armas de fogo ou as populações que jogam futebol, faz sentido distribuir as pessoas envolvidas aos países nos quais ocorrem eventos relevantes.

Às vezes, entretanto, essa abordagem não é tão adequada. A Transparência Internacional (TI), grupo de campanha anticorrupção, publica um Índice de Percepção da Corrupção no qual classifica o nível de corrupção de quase todos os países do mundo, da Dinamarca e Nova Zelândia no extremo mais justo até a Coreia do Norte, o Sudão do Sul e a Somália no outro extremo. A maior parte da África fica na alarmante área vermelha, assim como a América do Sul e a Ásia, enquanto a Europa, a América do Norte e a Australásia têm vários tons amigáveis de amarelo. Isso é útil até certo ponto, e é verdade que é bem mais provável que lhe peçam um suborno em Kinshasa do que em Copenhague, mas e as formas mais sofisticadas de corrupção utilizadas por Yanukovich ou, se a acusação de Mueller se comprovar, por Manafort?

A Ucrânia tem um tom vermelho-escuro no mapa da TI, o 131º local menos honesto do mundo e — juntamente à Rússia — o local mais desonesto da Europa. Ainda assim, a propriedade de Yanukovich não poderia ter sido ocultada sem os serviços de suas empresas de fachada britânicas. Então por que a Grã-Bretanha está listada como o 10º local mais honesto, junto à Alemanha e Luxemburgo? Da mesma forma, o dinheiro de Manafort fora ocultado por bancos e empresas em Chipre e São Vicente, e esses locais estão classificados como relativamente íntegros, em 47º e 35º lugares respectivamente. Os Estados Unidos, local para onde foi esse dinheiro, estão em 18º.

Se os políticos ucranianos não conseguem roubar sem os serviços dos outros países, por que sua bandidagem é atribuída apenas à Ucrânia? E se os advogados britânicos ou cipriotas estão divulgando negócios de bandidos ucranianos,

seus países natais têm direito a suas reputações? Do ponto de vista do dinheiro, as fronteiras não importam. Faz muito tempo que elas não impedem o fluxo do dinheiro. Quando vou a Kiev, posso usar meu cartão de crédito do mesmo jeito que o utilizaria na Califórnia, em Cambridge ou na Ilha de São Cristóvão. Mas isso não significa que as fronteiras sumiram. Como o promotor ucraniano citado anteriormente deixou claro, é difícil para ele obter evidências de uma jurisdição estrangeira, e o mesmo acontece com os investigadores de qualquer país. O dinheiro flui entre fronteiras, mas as leis, não. Os ricos vivem globalmente, o resto de nós tem limites.

Eu faço parte de um grupo que tenta destacar o que isso significa no que chamamos de London Kleptocracy Tours [Turnês da Cleptocracia Londrina, em tradução livre] (meus amigos Roman Borisovich e Charles Davidson que tiveram essa ideia). Nós enchemos um ônibus com turistas como se os estivéssemos levando a Hollywood para ver onde Clark Gable morava ou onde Scarlett Johansson corta o cabelo. Mas, em vez de mostrar estrelas, nós lhes mostramos políticos. Enquanto nosso motorista nos leva pelo centro e pelo oeste de Londres, nossos guias mostram propriedades de ex-oligarcas soviéticos, de rebentos das dinastias políticas do Oriente Médio, de governadores regionais nigerianos e de todas as outras pessoas que fizeram fortuna em países com baixa classificação na lista da TI e as esconderam em países de classificação alta.

Só conseguimos colocar 50 e poucas pessoas em um ônibus de cada vez, mas o objetivo é um só: queremos remover o véu que encobre o abuso do sistema financeiro global. Queremos fazer com que as pessoas parem de falar — ou que sejam capazes de falar — que não tinham como saber de nada.

Normalmente passamos pela Eaton Square — provavelmente o endereço de maior prestígio em Londres atualmente —, um magnífico retângulo de grandes casas de estilo foursquare de cor creme, todas atrás de grades pretas que chegam à altura dos ombros e com vista para jardins particulares. Em janeiro de 2017, um grupo de ativistas — que se autointitulam Autonomous Nation of Anarchist Libertarians [Nação Autônoma de Libertários Anarquistas, em tradução livre], o que lhes dá o acrônimo ANAL — se esgueirou na Eaton Square nº 102 por uma janela aberta e abriu a casa como um abrigo para sem-tetos. A casa é ampla, com a frente feita em estuque e um frontão sobre pilares que vão de uma varanda no primeiro andar até o quarto. Quando liguei, uma bandeira preta tremulava em um de seus mastros e um homem barbudo estava fumando encostado na balaustrada. Ele gritou para perguntar o que eu queria e prometeu descer pouco depois.

Um homem de meia-idade em uma calça roxa de veludo cotelê e um blazer de algodão encerado testemunhou nossa conversa e atravessou a rua com sua esposa para me informar que eu era a “escória da Terra”. O anarquista barbudo, surgindo na calçada, pegou o fim dessa declaração e sorriu para mim. Ele era húngaro. Conduziu-me até o porão por um lance de escadas, passou por uma saída de incêndio e para um local que um dia fora um cinema. Explicou-me que haviam acabado de perder uma luta judicial contra o despejo e estavam de mudança. Mas eu tinha autorização para explorar se quisesse. O piso era de parquet e as escadarias subiam até as claraboias no teto. Os cômodos levavam a cômodos que levavam a outros cômodos. Os rabiscos de grafite nas paredes não invalidavam o fato de que esta tinha sido a gloriosa casa de alguém.

Esse alguém foi Andrey Goncharenko, gerente de uma subsidiária da gigante empresa russa de gás natural Gazprom, que comprou uma série de propriedades no oeste de Londres no período de 3 anos até 2014. Esta foi a mais barata, que custou meros £15 milhões, e deve ser por isso que ele a deixou vazia. “Nossa maior prioridade é destacar o grande número de edifícios vazios em Londres e tentar garantir que não sejam desperdiçados quando há tantas pessoas desabrigadas”, falou Jed Miller, um dos anarquistas que apareceu no tribunal para argumentar contra o despejo, aos jornalistas em janeiro de 2017. “Essas empresas estrangeiras com tantas propriedades vazias em Londres as usam para minimizar suas obrigações fiscais. Isso está desviando dinheiro de serviços cruciais.”

Você não precisa concordar com a ocupação de edifícios vazios para reconhecer que Miller tem razão. A mansão de Goncharenko é uma das 86 propriedades diferentes somente nessa quadra mantidas pelo tipo de estrutura anônima que impede qualquer um, inclusive coletores de impostos, de descobrir quem é seu verdadeiro dono. Cerca de 30 delas estão nas Ilhas Virgens Britânicas; 13 em Guernsey; 16 em Jersey. Há outras no Panamá, em Liechtenstein, na Ilha de Man, em Delaware, nas Ilhas Cayman, na Libéria, nas Seychelles, nas Ilhas Maurício e — as favoritas de Manafort — em São Vicente e Granadinas. O próprio Goncharenko preferiu Gibraltar como sede para sua empresa MCA Shipping. Por toda a Inglaterra e o País de Gales, mais de 100 mil propriedades têm donos no exterior, assim como as de Yanukovich e Manafort. É impossível dizer quantas estão vazias, mas talvez pelo menos metade das novas construções mais caras do mercado mal são utilizadas de acordo com um estudo. Elas não são casas para morar, são contas bancárias em forma de casas.

Se algum dia alguém perguntar aos londrinos como podiam não saber o que estava acontecendo, eles responderão que isso foi escondido deles, assim como a propriedade de arenito vermelho de Manafort no Brooklyn fora ocultada de seus vizinhos. Qualquer uma dessas propriedades na Eaton Square poderia ser de um bandido, mas é impossível dizer de qual. Um apartamento se estende por um único andar de duas propriedades adjacentes e custa à Cane Garden Services Ltd., uma empresa registrada nas Ilhas Virgens Britânicas, quase £13 milhões. Essa empresa de fachada adoradora do luxo e da extravagância é registrada em uma casa de apostas na Caledonian Road, uma autoestrada horrível no norte de Londres onde há mais propensão de encontrar anfetaminas do que um advogado de alta qualidade. Isso é um sinal de alerta? Talvez, ou talvez não.

É aquela sensação de atordoamento novamente. Uma vez que você começa a procurar sinais de alerta; acaba encontrando-os por toda parte. As casas nº 85 e 102 são de empresas estrangeiras registradas no mesmo endereço em Hong Kong. A empresa liberiana dona da casa nº 73 está registrada em Mônaco. Um flat no nº 86 é da Panoceanic Trading Corporation, uma empresa panamenha com um nome que parece ter vindo direto de um suspense da década de 1960. Obviamente é de um bandido, não é? Ou é um blefe duplo?

Em nossas Kleptocracy Tours, normalmente conseguimos expor seis ou sete propriedades em uma tarde. Isso significa que, se quiséssemos explorar a proveniência de todas as propriedades na Eaton Square com donos no exterior, precisaríamos de duas semanas. Depois teríamos que começar nas ruas vizinhas. Cada rua adjacente tem a mesma quantidade de propriedades nessa situação, todas entrelaçadas em uma grande rede de confusão e mentiras que se estendem por solo britânico e um pouco mais. Antes de nosso grande tour acabar, já seria hora de recomeçar. Mesmo aqueles de nós que gosta de pensar que sabe o que está acontecendo não têm ideia do que realmente acontece.

Os nômades ricos donos dessas propriedades estão se aproveitando do modo como o dinheiro é movimentado pelas fronteiras, mas as leis permanecem iguais, para que escolham quais obedecer. Sob a lei britânica, é preciso declarar quem é dono de uma propriedade. Se tiver uma nas Ilhas Maurício, não. Estruturar seus bens dessa forma tem um custo, mas, se puder pagar por isso, você terá acesso à privacidade negada a todo o resto do país.

Quanto mais pesquisava, mais percebia que isso se aplica de forma muito mais ampla do que apenas à propriedade. Se você for um refugiado sírio, as

restrições globais de visto limitam seriamente seus meios de viajar. No entanto, se for um cidadão sírio rico, pode comprar um passaporte de São Cristóvão e Névis, do Chipre ou de outra meia dúzia de países, e de repente ter acesso a uma diversidade de viagens que não precisam de visto e são negadas a seus compatriotas. Se for um ucraniano comum, estará à mercê do sistema judicial corrupto e ineficaz do seu próprio país. Contudo, se for um ucraniano abastado, pode providenciar todas as suas relações de negócios para que sejam reguladas pela lei inglesa e aproveitar os serviços de juízes honestos e eficazes. Se for um nigeriano comum, deverá sofrer com o que os jornais do país podem falar de você. Mas, se for rico, pode contratar advogados londrinos e processar os jornalistas do seu país com base no fato de que seus artigos online foram lidos na Grã-Bretanha e estão sujeitos às leis duras de calúnia e difamação da Inglaterra. E o mais importante, se puder estruturar seus bens para que sejam mantidos nos Estados Unidos, seu governo nunca saberá deles (mostrarei isso posteriormente), enquanto descobrirão tudo o que possui em seu país. Mais adiante, analiso a fundo essa abordagem de escolher e misturar legislações: é o assunto deste livro.

O físico Richard Feynman supostamente disse: “Se você acha que entende de mecânica quântica, você não entende de mecânica quântica.” Eu sinto o mesmo sobre como as estruturas offshore corromperam as estruturas do mundo. Mas se essa percepção estonteante me faz sair da frente do computador para fora de casa, não tem como escapar. O prédio onde compro meu café da manhã é de propriedade das Bahamas. O lugar onde corto meu cabelo é de Gibraltar. Uma área de construção em meu caminho para a estação de trem é da Ilha de Man. Se passarmos todo o nosso tempo tentando entender o que realmente está acontecendo, não teremos tempo de fazer mais nada. Não é de se espantar que a maioria das pessoas sensíveis ignore o que os super-ricos estejam tramando. Você segue um coelho branco por um buraco, o túnel se aprofunda repentinamente e, antes que perceba, está caindo em um poço muito profundo até um mundo novo. É um lugar lindo, se você for rico o bastante para aproveitar. Se não for, pode apenas vislumbrá-lo pelas portas das quais não possui a chave.

Eu chamo esse mundo novo de Moneyland — passaportes malteses; libelo inglês; privacidade norte-americana; empresas de fachada panamenhas; contratos fiduciários de Jersey; fundações de Liechtenstein; tudo reunido para criar um espaço virtual que seja muito maior do que a soma de suas partes. As leis da Moneyland são convenientes a quem for rico o bastante para pagar por elas

a qualquer momento. Se um país mudar a lei para restringir os moneylanders¹ de alguma forma, eles se mudam ou mudam seus bens para obedecer outra lei que seja mais generosa. Se um país aprova uma lei generosa que ofereça novas possibilidades de enriquecimento, então os bens também são movidos. É como se as pessoas mais ricas em países como a China, a Nigéria, a Ucrânia ou a Rússia tivessem cavado um túnel para essa nova terra que fica abaixo de todos os estados de nossas nações, onde não existem fronteiras. Eles movimentam seu dinheiro, seus filhos, seus bens e até a si mesmos sempre que querem, escolhendo por quais leis de quais países desejam levar a vida. O resultado é que regulamentos duros e restrições não se aplicam a eles, mas ainda limitam o restante de nós.

Esse é um fenômeno com consequências novas que vão ao cerne do que o governo deve defender. O economista norte-americano Mancur Olson remontou à origem da civilização, ao movimento em que “bandidos nômades” perceberam que, em vez de atacar grupos de humanos e seguir em frente, poderiam ganhar mais se fixando em um lugar e roubando suas vítimas o tempo todo. Os primeiros seres humanos se submeteram a isso, porque, embora perdessem parte de sua liberdade quando se submetiam a esses “bandidos estacionários”, ganhavam estabilidade e segurança em contrapartida. Os interesses dos bandidos e os da comunidade se alinharam. Sem bandidos diferentes assaltando-os constantemente e roubando suas propriedades, os grupos de humanos construíram comunidades e economias cada vez mais complexas, tornando-se mais prósperas, o que finalmente levou ao nascimento do Estado, da civilização e de tudo o que agora subestimamos.

“Vemos por que os súditos do déspota, embora este os roube por meio da extração de impostos ano após ano, preferem ele aos bandidos nômades que os roubam esporadicamente. Banditismo nômade significa anarquia, e substituir a anarquia pelo governo faz surgir um aumento considerável nos resultados”, escreveu Olson em seu livro do ano 2000, *Power and Prosperity* [“Poder e Prosperidade”, em tradução livre].

Um governo estável alinha os interesses dos fracos e dos fortes, já que ambos querem ver todos enriquecendo. O fraco quer ser rico pelo seu próprio bem, enquanto o forte quer que o fraco seja rico para que possa cobrar mais impostos dele. Olson usou o paralelo do *racket* de proteção da máfia. Se o controle da máfia sobre uma comunidade for completo, basicamente não haverá crime, já que é do

¹ Este é o termo que o autor usa para se referir a quem faz parte da Moneyland.

interesse do chefe que os negócios locais ganhem tanto dinheiro quanto for possível para que ele possa extorqui-los proporcionalmente. O crime, para uma sociedade, é uma atividade improdutiva que força as pessoas a gastar dinheiro com seguranças, cercas e travas em vez de coisas que levem a algo útil. É, portanto, do interesse de todos nós sermos governados.

Mas Olson tinha uma advertência: o argumento só funciona se todo mundo estiver pensando no longo prazo, e é por isso que a Moneyland muda tudo. Como os moneylanders são capazes de manter seus bens fora das comunidades que roubam, não se preocupam com o que pode acontecer no longo prazo. Quanto mais roubarem agora, mais eles e seus filhos poderão manter. Na verdade, eles ganham dinheiro com a instabilidade: quanto mais disputas houver, mais dinheiro existe para lucrar.

Esses “bandidos estrangeiros” combinam as piores características dos velhos bandidos nômades com as de seus sucessores estacionários. Graças à mágica do sistema financeiro moderno e da anonimidade fornecida pelas jurisdições estrangeiras que aceitam dinheiro de qualquer procedência, eles oprimem seus súditos sem contribuir para uma maior segurança e prosperidade.

Nos últimos anos, eu me acostumei a criticar a globalização pelo modo que ela extraiu empregos de países ocidentais e os realocou sem se preocupar com quem foi deixado para trás. Os defensores da globalização contra-argumentam que, ao alocar o capital onde possa ser trabalhado com mais eficiência, mais pessoas saíram da pobreza na China, na Índia e em outros lugares do que qualquer outro movimento fez até hoje. Na Moneyland, entretanto, a globalização age de forma diferente. Não é uma função do capital ser alocado de forma eficiente para colher o maior retorno para seus donos, mas de ser alocado secretamente para obter o maior grau de proteção. Esse é o lado obscuro da globalização, e não há um lado positivo para defendê-la, a não ser que você seja um ladrão ou seu facilitador.

A Moneyland não é um lugar fácil de confrontar. Como não está no mapa, não é possível enviar um exército contra ela. Nem se pode implementar sanções ou enviar diplomatas para apaziguar as coisas. Diferentemente de países convencionais, ela não tem guardas de fronteiras para carimbar seu passaporte, bandeiras para fazer continência ou ministros de relações exteriores para falar ao telefone. Não tem exército para protegê-la, pois não precisa de um. Ela existe onde quer que haja alguém que queira manter seu dinheiro fora do alcance do governo de seu país e que possa pagar advogados e especialistas em finanças exigidos para

isso. Contudo, se desejarmos preservar a democracia, devemos confrontar os cidadãos nômades da Moneyland e encontrar um modo de dismantelar as estruturas offshore que facilitam que escondam seu dinheiro da supervisão democrática. Eles são uma ameaça no mínimo tão significativa à ordem baseada em leis que busca tornar o mundo um lugar seguro quanto os terroristas e os ditadores sobre os quais lemos todos os dias.

Estruturei este livro cronológica e tematicamente, escolhendo exemplos ilustrativos da maior parte possível do mundo para revelar o quanto a Moneyland é amplamente difundida. Primeiro, começo descrevendo como funciona a Moneyland, como ela *oculta* a riqueza e como pequenas jurisdições ganham a vida elaborando suas leis para facilitar isso. Depois descrevo o que significa quando os poderosos se aproveitam da Moneyland para *roubar*, começando com a história de um hospital ucraniano e então mostrando como ele representa boa parte do mundo.

Em seguida, descrevo como a Moneyland *defende* tanto seus cidadãos quanto suas riquezas: como ela vende passaportes a eles; como protege suas reputações dos jornalistas; como impede que suas riquezas roubadas sejam recuperadas por seus verdadeiros donos. A Moneyland pode livrá-lo de tudo, inclusive da condenação por um assassinato. Explico como seus cidadãos gostam de *gastar* o dinheiro que escondem nela — as roupas, a propriedade, a arte e todo o resto — e o que seus hábitos de gastos cada vez mais ultrajantes estão fazendo com o mundo. Os efeitos dessas despesas são tão extremos que existe agora todo um campo de estudos, chamado plutonomia, devotado a eles.

Finalmente, descrevo como os governos têm tentado *retaliar*, concentrando-se no modo como os Estados Unidos visaram os bancos suíços, e, então, como advogados e banqueiros espertos usaram essa oportunidade para fortalecer e proteger a Moneyland mais do que nunca. Isso pode parecer uma perspectiva pouco otimista, mas, se o primeiro passo para resolver um problema é reconhecer sua existência, então talvez estejamos no caminho certo.

A pesquisa para este livro não foi fácil. A Moneyland é bem protegida e não entrega seus segredos sem brigar. Ela também questiona tudo o que achamos que sabemos sobre como nosso mundo funciona. Você pode achar que, como acontece comigo, a Moneyland induz vertigens tão fortes que, uma vez que a vê, não consegue deixar de enxergá-la por toda a parte. Por que tantos navios têm bandeiras de países estrangeiros? A Moneyland permite que seus donos boicotem as leis trabalhistas de suas pátrias. Por que

os oficiais russos preferem construir pontes de bilhões de dólares em vez de escolas e hospitais? A Moneyland possibilita que roubem 10% dos custos da construção e os escondam no exterior. Por que os bilionários moram em Londres? A Moneyland permite que soneguem impostos lá. Por que tantos estrangeiros corruptos querem investir seu dinheiro em Nova York? A Moneyland protege seus bens contra o confisco.

Isso significa que a Moneyland neutralizou as principais funções da democracia — taxar cidadãos e utilizar os lucros para o bem comum — o que, por sua vez, desiludiu muitas pessoas com o experimento democrático em geral. Desesperados, eles se voltaram a tiranos como Yanukovich, que enfraqueceram ainda mais a democracia em um ciclo vicioso que não beneficia ninguém além dos já ricos e poderosos.

Um ponto que precisa ser reforçado firme e repetidamente, no entanto, é que eu não estou descrevendo uma conspiração. A Moneyland não é controlada por um arquivilão acariciando um gato branco sentado no braço de sua cadeira de couro. Se houvesse um cérebro controlador por trás da Moneyland seria fácil lidar com ela. A realidade é muito mais complexa e traiçoeira: é o resultado natural de um mundo em que o dinheiro circula livremente e as leis não, e onde se pode conseguir a boa vida por meio da exploração das incongruências resultantes. Se uma carga tributária é baixa em Jersey e alta na Grã-Bretanha, existe dinheiro a ser ganho por qualquer um que puder mover os bens de seu cliente da Grã-Bretanha para Jersey. O mesmo acontece com as jurisdições por todo o mundo: todas têm normas e regulações sutilmente diferentes.

A Moneyland é mais como um formigueiro do que uma organização tradicional. Em um formigueiro, formigas individuais não estão obedecendo a instruções; não há formigas gerentes intermediárias orientando-as a sair e buscar sementes. Não existem formigas policiais prendendo meliantes que pegam as sementes para si, ou formigas juízas sentenciando-as a períodos na prisão das formigas. Elas respondem de maneira previsível aos estímulos externos. Na Moneyland, advogados, contadores e políticos também respondem de forma previsível. Se a lei é útil a qualquer aspecto da existência de uma pessoa rica, os facilitadores da Moneyland garantem que ela possa aproveitar os benefícios dessa lei onde quer que esteja e qualquer que seja, para o bem maior da pessoa rica e em detrimento do restante de nós. Se pisarmos em uma formiga, ou prendermos um advogado sujo, o resto das atividades continuará inalterado. Todo o sistema deve ser mudado, o que é difícil.

É por isso que começo descrevendo como a Moneyland passou a existir e como venceu uma tentativa anterior de tornar o mundo um lugar seguro para a democracia. Nos dias sombrios da Segunda Guerra Mundial, os poderes dos Aliados confrontaram uma ameaça a sociedades abertas de modo mais severo do que nunca ou desde então. Em resposta, criaram uma arquitetura financeira global planejada para dar primazia à democracia pela eternidade. Esperavam que nunca mais os governos democraticamente eleitos fossem ameaçados por qualquer rival. Sua tentativa falhou, e a história de como isso aconteceu é a mesma do nascimento da Moneyland.

CAP. DE AMOS